

23. w tem

RUBEM BRAGA

Nacionalismo e S. Tomé

EU cada vez entendo menos de política brasileira.

Um amigo meu, que tem contatos freqüentes com prestigiosas figuras do Exército, garante-me que a corrente mais forte, em seu seio, é hoje a de nacionalistas. Muitos jovens oficiais, e outros não tão jovens, incluindo castelistas, estariam convencidos de que a única base da Segurança Nacional seria o desenvolvimento. São, inclusive, a favor da criação de um Conselho Nacional de Desenvolvimento, ou Conselho de Desenvolvimento Nacional, e de uma campanha de libertação econômica do Brasil, através de uma política austera de combate ao imperialismo, reforma agrária e fortalecimento da indústria nacional. Estão convencidos de que a política de Roberto Campos foi funesta e de que o atual Governo não ousou lutar contra os interesses de grupos alienígenas; que estes continuam a se apossar de organizações brasileiras, como as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, cujo controle já estaria em mãos de americanos, e voltam a ameaçar a Petrobrás etc., etc., etc.

Tudo muito bem. O que não entendo é por que esses mesmos elementos das Forças Armadas se mostram tão empenhados em cassar os mandatos de dois elementos jovens do Congresso que são, ambos, nacionalistas: Márcio Moreira Alves foi quem conseguiu a criação da CPI sobre a venda de terras a estrangeiros, e Hermano Alves, em seus artigos e em seus discursos, não tem feito outra coisa que advogar uma política externa independente...

A política portuguesa, esta parece mais fácil de entender.

Escrevendo aqui, outro dia, sobre a Carta de Pero Vaz Caminha a El-Rey Dom Manuel dando conta do achamento de nossa terra, transcrevi o trecho final, em que êle pede a mercê real para seu genro Jorge de Osório, desterrado na Ilha de São Tomé.

Essa ilha, juntamente com outra chamada do Príncipe, fica no gôlfo de Guiné, menos de um grau acima da linha do Equador e, por volta de 1950, tinha 60.159 habitantes dos quais 54.697 negros e 4.300 mulatos. A capital, São Tomé, tinha 7.817 almas (habitante abaixo de 10.000 é alma...). Descoberta em 1470, a ilha (de onde nos veio a banana do mesmo nome) já em 1500 servia de destêrro, como vimos na Carta. Pois continua a servir: era lá que Salazar mantinha um dos líderes democráticos portugueses, o advogado Mário Soares, que só agora pôde regressar a Lisboa.

Que país monótono!

DN. 24. 11. 68